

José Rueff

**ELOGIO HISTÓRICO DO ACADÉMICO
PROFESSOR JOÃO FRAGA DE AZEVEDO**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
CLASSE DE CIÊNCIAS

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

ELOGIO HISTÓRICO DO ACADÉMICO
PROFESSOR JOÃO FRAGA DE AZEVEDO

AUTOR

JOSÉ RUEFF

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

DIANA SARAIVA DE CARVALHO

ISBN

978-972-623-345-9

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2018

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

ELOGIO HISTÓRICO DO ACADÉMICO PROFESSOR JOÃO FRAGA DE AZEVEDO

José Rueff

Ex.^{mos} e Muito Ilustres

Senhor Presidente da Academia,

Senhor Vice-Presidente da Academia,

Senhora Secretária-Geral da Academia,

Ex.^{mo} e Muito Ilustre Académico Professor J.M. Toscano Rico,

Ex.^{mo} Senhor Director do Instituto de Higiene e Medicina Tropical,

Incumbiram-me os Insignes Senhores Académicos, de aqui e hoje, evocar e fazer o elogio histórico do Académico Professor João Fraga de Azevedo, que nos deixou em 1977, falecendo em Lisboa com 71 anos.

Seria hoje um dia de pleno júbilo académico completo, em que é evocada a figura de um seu ilustre Membro, como o foi o Professor João Fraga de Azevedo. Mas este gáudio não é pleno; pois perdemos todos, há poucas semanas, o Ilustre Académico, Tesoureiro da Academia, Vice-Presidente da Classe de Ciências, Professor Doutor Artur Torres Pereira.

Pude afirmar nesta mesma Sala, há poucos meses atrás, em que o saudava em cerimónia evocativa similar, na qual Torres Pereira fazia o elogio do Académico Professor José Toscano de Vasconcelos Rico:

«Torres Pereira impõe-se à nossa consideração pela sua grandeza na simplicidade, pelo seu conselho sábio, pelo seu modo de estar na vida, pela sua coerência e pela sua nobreza de carácter. Em suma, rigor, elevação, dignidade e, sempre que as vicissitudes... lho permitiram, também alegria, dão o traço com que vejo este ilustre Académico, o Professor Torres Pereira.»

Hoje o re-afirmo, convicto, numa homenagem que pelos percursos nos domínios dos agentes infecciosos e parasitários do Homem, bem juntam Fraga de Azevedo a Torres Pereira, porque a longa narrativa de uma vida, de todas as vidas, a despeito da erosão dos anos, subjuga-se ao cinzel da memória e renasce em permanência. Assim gostaria que aqui hoje renascesse a memória dessas duas vidas, embora pela mão bem incerta deste cinzelador.

* * *

Evocar o Professor João Fraga de Azevedo é um temerário cometimento, que aceito, porém, com reverência e honra, e é também uma missão difícil.

E trata-se de um temerário cometimento, em primeiro lugar e antes de mais, por me escassear a competência nos domínios que Fraga de Azevedo cultivou superiormente e com a maior elevação.

Mas trata-se também de uma missão difícil, pois não tive a ventura de o conhecer pessoalmente, embora, desde os meus tempos de aluno da Faculdade de Medicina lhe conhecesse bem a aura na Medicina Tropical e o prestígio que distinções internacionais lhe reconheciam.

Isto, num tempo e numa época em que a um jovem estudante de medicina enchia de orgulho saber de mais um mestre aureolado pelas instâncias internacionais da ciência médica; saber que Fraga de Azevedo era desde 1953 perito da OMS para a parasitologia, sobretudo para a bilharziose, era para esse jovem estudante motivo de ufana convicção de que a arte e a ciência a que decidira dedicar-se mereciam o seu empenho e o obrigavam a procurar não desmerecer do labor dessas figuras maiores.

Seja-me permitido o recuo de algumas décadas para, num excurso quase pessoal, quase íntimo, realçar o quanto essa *Lebenswelt* de Husserl, esse palco onde sobressaíam figuras maiores da medicina, era importante para o então tirocinante de asclepiáde que eu era, como lhe chamaria Platão. Os exemplos dos maiores, daqueles que nos antecedem na ciência para que nos preparamos, são fundamentais para as juvenis esperanças de qualquer futuro médico: constituem o chão do *In-der-Welt-Sein*, de Heidegger, do percurso futuro desse jovem. Assim, mesmo não tendo conhecido pessoalmente Fraga de Azevedo, fico-lhe também devedor do exemplo que deu, num tempo e numa época em que a notoriedade internacional era mais difícil de alcançar.

Não obstante as limitações que confesso humildemente, cumpro, porém, com júbilo esta missão por duas ordens de razões.

A primeira prende-se com o sentido autêntico e último destas cerimónias, que são, na essência, o anelo do revivescer de um ‘diálogo’ espiritual entre sucessivos espíritos do saber e da cultura que, encadeadamente, mantêm o encontro prolongado e sincrónico que faz a essência da Academia — o enredo em que se constrói uma instituição como a nossa. De facto estes actos são, antes e, sobretudo, uma manifestação cultural e uma apreensão espiritual do encontro humano dos saberes, entre e através de gerações.

Prevaleço-me das sábias palavras do Ilustre Académico que foi o Professor Barahona Fernandes, quando aqui respondeu, em 1959, ao elogio histórico feito pelo novel Académico, Professor Pedro d’Almeida Lima. E cito:

«As florações verbais de encómio constituem nesta Casa um rito formal, que o comum das gentes, dissipadas no viver prático, não logram compreender. (...) Nem tampouco os cientistas cultores do saber empírico. A menos que apelem para o lado humano do ser e tentem penetrar (...) o sentido profundo desta manifestação cultural. (...) Alheemo-nos, pois da inautenticidade do vulgar – elevando-nos à preensão espiritual do verdadeiro “encontro” que este acto representa» dizia Barahona Fernandes¹

Mas como Nélda Pinõn, essa figura maior da língua portuguesa, referiu ao tomar posse da cadeira n.º 30 da Academia Brasileira de Letras, de que haveria de ser Presidente, cadeira que havia pertencido a Aurélio Buarque de Holanda:

«Faço-o com o temor de falhar ao reconstituir uma matéria feita de carne, cerrada em delicado casulo, aquecida, a cada dia, enquanto viveu, pelo sagrado fogo da paixão humana, do desatino do sonho, da realidade polifacetada. Assim, pois, como definir a casa interior de um homem de semelhante magnitude, fotografar-lhe a alma, este labirinto sem paredes, rabisco nervoso esboçado no vazio?» E tudo isto se aplica a Fraga de Azevedo.

¹ Barahona Fernandes, ‘Prof. Pedro d’Almeida Lima’. Discurso proferido na sessão plenária e pública da Academia em 15 de Janeiro de 1959.

São estes também os meus temores, no que respeita à figura polifacetada de João Fraga de Azevedo, à sua pessoa. E aqui importa que me confesse que ao recordar o vocábulo “pessoa”, estou consciente que ele radica na palavra latina *persona*, que serviu para significar o mesmo que a palavra grega *prósopon*: máscara e personagem; acrescidamente senti, pois, esse temor de falhar no intuir dessa personagem atrás da máscara que todos pomos nos cargos que desempenhamos; nas funções a que somos chamados. E Fraga de Azevedo desempenhou múltiplos e importantes cargos e variadas e relevantes funções.

A segunda das duas ordens de razões, que me traz mais refrigério, radica no facto de ter podido consultar uma inumerável cópia de dados e escritos que o Professor Fraga de Azevedo legou, na primeira pessoa, à posteridade e ter podido, assim, “conversar intelectualmente” com o homenageado através dos seus escritos. Pude, outrossim, discorrer e dialogar pessoalmente com discípulos seus, procurando assim conhecer melhor as fímbrias do seu ser de cientista e de homem. E aqui, rendo a minha homenagem de gratidão aos Professores Amélia Grácio e António Grácio, seus discípulos.

Se, ainda assim, não souber transmitir a intelecção da obra de Fraga de Azevedo e a sua projecção para ciência, aqui me confesso réu da minha incompetência, para o que peço o favor do vosso perdão. Fica, naturalmente, de fora a exploração da “casa interior do homem” que foi Fraga de Azevedo; “casa interior” a que aludiu Nélide Pinhão e que aqui alargaria a uma *Untersuchungen* do eu do homenageado — o que me é impossível.

Tento, pois, cerzir recortes da vida académica e científica de João Fraga de Azevedo apoiado nos seus escritos, nos registos da Academia e no colóquio que me concederam os que o conheceram.

* * *

O Professor João Fraga de Azevedo fez a sua entrada na nossa Academia, como correspondente, mercê de um parecer de 16 de Março de 1957, subscrito pelos Académicos Ruy Teles Palhinha, Vieira Natividade, Carrington da Costa e António Câmara, tendo sido este último o relator².

² J. Fraga de Azevedo “Admissão na Academia das Ciências de Lisboa”. *O Médico* Vol. LXXVIII pg. 39-41, 1976

Não resistiria a respigar, desse parecer de 1957, algumas breves passagens que nos transmitem o que a Academia encontrou em Fraga de Azevedo para dele fazer um dos seus pares. E cito, desde logo, quanto à sua produção científica:

«Como investigador, possuí uma obra considerável. A lista dos seus trabalhos conta com mais de uma centena de escritos, publicados em revistas nacionais e estrangeiras. São justamente considerados estudos de grande categoria.»

E mais adiante o relator detém-se ainda:

«Desde 1932, há justamente 25 anos, que publica uma série ininterrupta de trabalhos de científicos de elevado valor. A parasitologia é o assunto da sua predilecção. (...) A simples citação de alguns dos seus trabalhos... mostra como é vasta e valiosa a sua contribuição para a ciência da medicina tropical.»

A primeira comunicação³ que Fraga de Azevedo apresentou à Academia, logo um ano após a sua admissão, foi-o sobre: “A Importância em Parasitologia da Classificação Biológica das Espécies”, inserta, em 1958, no *Vol. 7 pg. 263-281 das Memórias da Academia*.

Entre essa publicação *princeps* e 1977, ano do seu falecimento, as *Memórias da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa* acolheriam múltiplas comunicações suas, incluindo, naturalmente, o elogio histórico de Joaquim Vieira Natividade⁴ publicado em 1970; sendo a última comunicação do próprio ano do seu falecimento em 1977, intitulada “Malacologia: uma ciência quase ignorada em Portugal”⁵. Para além destas, outras intervenções foram acolhidas no Boletim da Academia.

Fraga de Azevedo viria, entretanto, a ocupar em 11 de Junho de 1970, como Académico Efectivo, o então lugar n.º 9, de que fora titular Vieira Natividade.

³ J. Fraga de Azevedo “A Importância em Parasitologia da Classificação Biológica das Espécies”, *Memórias da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa. Vol. 7* pg. 263-281, 1958

⁴ J. Fraga de Azevedo. “Elogio histórico de Joaquim Vieira Natividade”. *Memórias da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa Vol. 14* pg. 236-257

⁵ J. Fraga de Azevedo. “Malacologia: uma ciência quase ignorada em Portugal”. *Memórias da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa Vol. 21.* pg. 317-338

Saudou o Recepiendário, nesse acto, o Professor José Toscano de Vasconcelos Rico, que referiria:

«A Academia presta hoje solene homenagem à memória do eminente confrade Vieira Natividade (...) Homenagem justa e deferente, que teve completa expressão no elogio histórico agora pronunciado (...) pelo sucessor de Vieira Natividade nesta Academia, o Professor Fraga de Azevedo. (...) Já esperávamos esta esplêndida contribuição de Fraga de Azevedo.»

E acrescentaria o Professor José Toscano Rico, sobre o elogio proferido por Fraga de Azevedo:

«Na oração que acabamos de ouvir, admirámos a delicada evocação biográfica do confrade desaparecido, a criteriosa análise da obra por ele realizada e o calor humano da admiração e da saudade que em todos nós deixou.»

Para Fraga de Azevedo o ingresso na nossa Academia foi sentido como de particular honra. E ele confessa-o assim:

«Nada poderia ser, na verdade, mais grato ao meu espírito do que participar numa tão douta instituição, a que nunca pensaria ser possível ascender, mas a partir daí fiquei ligado ao mais prestigioso encargo com o que sentiria vergar os meus frágeis ombros»⁶

Mas se foi justamente louvado no parecer da Academia para sócio correspondente, como está registado no parecer respectivo, pela: «sua vasta e valiosa contribuição para a ciência da medicina tropical»; e se a sua actividade se estende com notável relevo, sobretudo, pela Helminologia e a Entomologia de cujo ensino esteve encarregado durante largos anos, a vida profissional de João Fraga de Azevedo não se iniciaria, porém, directamente pela Medicina Tropical, mas antes como médico da Marinha de Guerra, em 1930, após prestação de provas documentais e práticas em Março do mesmo ano.

⁶ J. Fraga de Azevedo “Admissão na Academia das Ciências de Lisboa”. *O Médico* Vol. LXXVIII pg. 39-41, 1976

Havia entretanto obtido a formatura em Medicina na Universidade de Coimbra com a elevada classificação de 19 valores, em 1929, após o que concluiu o curso de Medicina Sanitária, também em Coimbra, tendo então exercido, por poucos meses, na sua terra de origem, Sernancelhe, onde nasceu a 5 de Janeiro de 1906, os cargos de médico municipal e subdelegado de saúde.

Como médico da Marinha de Guerra, prestou serviço no navio hidrográfico *5 de Outubro* e realizou, designadamente, duas missões, uma a Macau em 1932, a bordo do cruzador *Adamastor* e outra a Angola, em 1935, a fim de tomar o posto de segundo tenente médico da Armada na canhoeira *Beira*.

Em ambas as missões aos dois territórios, não se quedou pelas suas funções de médico naval, mas explorou todos os conhecimentos que poderia aquirir em Patologia Exótica (termo então em uso). Nomeadamente, em Angola e por portaria do Ministério das Colónias, foi encarregado de realizar, cumulativamente com o serviço da Armada, estudos de parasitologia. Ter-lhe-ão merecido especial atenção as observações *in loco* no rio Zaire sobre os viveiros naturais de glossinas e anófeles, espécies entomológicas da maior importância em medicina, como vectores, respectivamente, dos parasitas da doença do sono (a tripanossomíase africana) e da malária (provocada por protozoários parasitários do género *Plasmodium*).

Ainda na Marinha, Fraga de Azevedo foi encarregado do Gabinete de Bacteriologia e Análises Clínicas do Hospital da Marinha, onde havia pontuado essa figura grande dos primórdios da Medicina Tropical portuguesa que foi Ayres Kopke. A ele voltaremos para melhor intuímos os contornos de emancipação da área médica a que Fraga de Azevedo devotaria a sua vida.

Fraga de Azevedo concluíra, entretanto, já então como segundo tenente médico Naval, o Curso de Medicina Tropical da Escola de Medicina Tropical de Lisboa, vindo a ser aí admitido como Assistente Livre em 1931⁷; facto a que não serão estranhas as afinidades bem conhecidas entre a Marinha e a Medicina Tropical. Se me for permitido o atrevimento, a título exemplificativo de tais afinidades, citaria que meu bisavô Francisco Alexandre, que foi Facultativo Naval de 1.^a Classe, serviu na Índia Portuguesa e em Cabo Verde, respectivamente em epidemias de cólera e febre amarela nos tempos do reinado do Senhor D. Luís I. Era comum ao tempo essa estreita relação entre a medicina naval e medicina tropical.

⁷ M.A. Grácio e A.J. dos Santos Grácio “Professor João Fraga de Azevedo: a expansão e a internacionalização da Parasitologia/Medicina Tropical. – Breve Nota”. *Acta parasitológica Portuguesa*. 3(1-2):1-5, 1996

De facto, desde 1887, o ensino de “Medicina Tropical” era desempenhado na Escola Naval, destinando-se exclusivamente aos médicos do Ministério da Marinha e Ultramar. Mas é em 24 de Abril de 1902, por carta de Lei do Senhor D. Carlos I, que foi criada a Escola de Medicina Tropical e o Hospital Colonial que funcionavam, no Edifício da Cordoaria Nacional, em Lisboa. A Escola de Medicina Tropical, na qual Fraga de Azevedo ingressou como assistente em 1931, só em 1935 se passou a designar Instituto de Medicina Tropical.

Os alunos da Escola eram, essencialmente, médicos candidatos à função clínica nos quadros sanitários do Ultramar e da Marinha. Sintomaticamente, o Livro de Termos n.º 1 do Curso Geral de Medicina Tropical inicia-se com o primeiro curso destinado a médicos “aspirantes a facultativos do ultramar”. Do corpo docente inicial da novel Escola faziam parte D. António Maria de Lancastre, professor de Patologia Exótica e Clínica, Ayres José Kopke, docente de Bacteriologia e Parasitologia e Francisco Xavier da Silva Telles, docente de Higiene e Climatologia, todos eles médicos navais.

Não podemos, porém, compreender plenamente um homem e a sua obra, sem devotarmos também alguma da nossa atenção à sua época. Ou, como aqui afirmou em 1983 o Professor Pinto Peixoto, Presidente que foi da Classe de Ciências e desta Academia, em ocasião similar, em que o Ilustre Académico Professor Dias Agudo proferiu o elogio histórico do Professor Almeida Costa:

«o elogio histórico ... é um instrumento de estudo de uma figura, duma obra, ou mesmo, de uma época».

Assim, seja-me permitido, em breve excursão, rememorar o que foi a época do nascimento da Medicina Tropical entre nós, para melhor intuímos o papel daqueles que a consolidaram e lhe deram os alicerces sólidos que a tornariam ciência médica do maior prestígio e para o que aqui também importa, da maior utilidade. Ou não fora a nossa divisa, extraída da Fábula 17 (III, 17, 12), de Fedro: *«nisi utile quod facimus, stulta est gloria»*.

E é na seiva deste tronco do saber e da aplicação do saber em Medicina Tropical que se enxerta, como obra maior, o legado de João Fraga de Azevedo.

É meu dever, pois, ao evocar uma das figuras maiores da Medicina Tropical, Fraga de Azevedo, trazer as tonalidades que, para o caso, marcaram os desenvolvimentos da Conferência de

Berlim. E o que para aqui interessa foi que a soberania de um território africano se deveria medir pela sua ocupação efectiva. Ou como Miguel Bombarda defenderia na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, em 1901:

« A colonização não é apenas uma questão social e económica, mas também uma questão de higiene e patologia»⁸.

Estava dado o tom!

De facto, logo nesse ano de 1901, o Estado Português enviou a Angola, uma primeira missão de estudo da doença do sono, domínio em que Fraga de Azevedo se viria a notabilizar pelo estudo da biologia da mosca tsé-tsé, transmissora da doença do sono e pelo combate sem tréguas a este vector com a total erradicação dessa tripanossomíase na Ilha do Príncipe em 1958.

Essa missão de 1901 protagonizou uma interessante disputa sobre a natureza biológica do agente causal da doença do sono que importa para que seja devidamente realçado o carácter de rigor científico da medicina tropical.

Integravam a missão de 1901, entre outros, o prestigiado Aníbal Bettencourt que chefiava a missão e era o Director do Real Instituto Bacteriológico Câmara Pestana e Ayres Kopke, médico naval e director do laboratório microbiológico do Hospital da Marinha e que viria a ser, como já referido, um dos professores da Escola de Medicina Tropical, quando esta iniciou actividades no ano seguinte.

Esta fase emergente da medicina tropical portuguesa e as incertezas e controvérsia que rodearam a elucidação do agente da doença do sono foram elegantemente analisadas pela historiadora da ciência, Prof.^a Isabel Amaral, de cujos estudos aqui me socorro.^{9 10}

O aspecto interessante que releva dos trabalhos desta missão respeitou à contenda sobre a identificação do agente da doença do sono. Profundamente mergulhada numa tradição pasteuriana

⁸ M. Bombarda “A criação d’uma escola de medicina colonial.” *J. Soc. Ciências Médicas de Lisboa*. 65 (10): 334, 1901

⁹ I. Amara. “The emergence of tropical medicine in Portugal: The School of Tropical Medicine and the Colonial Hospital (1902-1935). *Dynamis* 28: 301-328, 2008

¹⁰ I. Amaral. “Bactéria ou Parasit? A controvérsia sobre a etiologia da doença do sono e a participação portuguesa, 1898-1904. *História, Ciências e Saúde* 19(4): 1275-1300, 2012

que irromperia com o fulgor do estabelecimento da microbiologia, Aníbal Bettencourt defenderia a tese de que o agente identificado era uma bactéria, mais precisamente um coco, que seria mesmo conhecido como “*hypnococus*”.

Entretanto a escola microbiológica de Coimbra advogava tratar-se de um bacilo e não de um coco. Mas o ponto fulcral de ruptura surgiria com a atribuição da etiologia a um parasita e não a uma bactéria — tratar-se-ia do tripanossoma, como viria a ser confirmado.

E Ayres Kopke, no seu laboratório de bacteriologia e parasitologia da Escola de Medicina Tropical conclui também e advoga que o agente é o tripanossoma. Curioso é que esta disputa bactéria/parasita se desenrolou também em palcos científicos internacionais, designadamente no Reino Unido. E aqui assumiu papel de relevo Aldo Castellani, bacteriologista da “*Royal Society Commission on Sleeping Sickness*” que em 1902 participou na missão científica a Entebe. Ora também ele traria confirmação importante de o agente etiológico da doença do sono ser um tripanossoma.

Aldo Castellani acabaria por vir para Portugal, em 1946, acompanhando no exílio o Rei Humberto II e a Rainha Maria José e foi professor, por proposta de Fraga de Azevedo, do Instituto de Medicina Tropical e, pela mão de Fraga de Azevedo, receberia ainda a homenagem de ser tornado Professor Honorário do Mesmo Instituto.

Também a nossa Academia, por proposta do Presidente da Classe de Ciências, Professor Amorim Ferreira, concederia a Castellani as palmas académicas em 1968.

A controvérsia sobre o agente da doença do sono, quase poderíamos dizer, que se tratou do confronto de diferentes paradigmas científicos de Kühn. Mas embora a controvérsia se tivesse arrastado até quase 1920, pelo prestígio de algumas das figuras nela envolvidas, o certo é que, entre nós, pelos trabalhos de um dos próceres da medicina tropical, Ayres Kopke, a hipótese parasitária se viria a revelar a correcta.

Ora a medicina tropical é uma medicina de missão. Uma medicina ‘missionária’, diria mesmo. Mas é, ao mesmo tempo, uma medicina de universais; uma medicina do rigor e da descoberta científica, como o episódio acima descrito nos revela.

Tem os doentes e as condicionantes de morbilidade a mais de uma dezena de milhares de quilómetros de Lisboa; não tem aí os assépticos laboratórios da Europa, equipados com fulgurantes aparelhos de vanguarda ou as enfermarias dotadas de todos os sistemas de vigilância dos sinais vitais dos doentes. Tem de servir-se de rudimentares equipamentos de campanha e de condições de precaridade. *E pur si muove*: é esta a sua condição fundacional e epistemológica.

Fraga de Azevedo, quando em 1931 ingressa como assistente na Escola de Medicina Tropical, é esta condição que escolhe, em que à missão se alia o rigor científico. E deles fez jus no seu percurso profissional e científico.

* * *

Entretanto, Fraga de Azevedo começou a exercer também as funções de Assistente de Análises Clínicas do Hospital Curry Cabral, lugar para que foi nomeado em 1939, após o competente concurso de provas práticas — cruzaram-se, assim, os interesses de Fernando da Fonseca, que havia pouco antes realizado o seu concurso para professor da Faculdade de Medicina de Lisboa com uma lição sobre medicina tropical (malária), com os de Fraga de Azevedo.

Como recordou o Ilustre Académico Professor Celestino da Costa: «Fernando da Fonseca, com grande aura na cidade, deu-nos admiráveis lições de clínica de infecto-contagiosas».

O Professor Fernando da Fonseca, considerado, entre os colegas, como o melhor discípulo de Pulido Valente, foi pois também mestre de Fraga de Azevedo. Pulido Valente, no dizer sábio do ilustre Académico Celestino da Costa: «foi juiz severo da ignorância, da insuficiência e da desonestidade e sempre procurou impedir a ascensão dos que as evidenciavam.»¹¹

Data aproximadamente dessa época e desse período, a significativa obra que Fraga de Azevedo publica ‘a duas mãos’ com o Dr. Fernando Castro Amaro (distinto gastroenterologista que fundaria a especialidade no Hospital do Ultramar — hoje Egas Moniz), intitulada: “Como evitar as Doenças Infecciosas”.

¹¹ J. Celestino da Costa “Evolução do Ensino no Ciclo Clínico na Faculdade de Medicina de Lisboa”; ACTA MEDICA PORTUGUESA 1990; 2:109-114

Para esta obra em 2 Volumes destes seus dois tutelados, escreve Fernando da Fonseca uma muito abrangente Introdução sobre doenças infecciosas que sintetiza o que ao tempo era toda a actualidade sobre essa área. Mas é significativa essa obra, também, de que é primeiro autor Fraga de Azevedo, por ter sido publicada na *Biblioteca Cosmos* da direcção do Prof. Bento de Jesus Caraça.

* * *

Ser médico dos Hospitais Civis de Lisboa era, à época, por si só, título de grande respeito — foi-o Fernando da Fonseca e, transitoriamente, Fraga de Azevedo.

De facto, em 1939, apresenta-se a concurso para o lugar de Professor Efectivo de Zoologia Médica do Instituto de Medicina Tropical, onde ingressaria em Janeiro de 1940 e onde se manteria até à jubilação, como Professor Catedrático, em 1976, tendo sido um incansável mentor da vida e engrandecimento do Instituto, do qual foi Director entre 1943 e 1961.

Em 1935, o nome da Escola passou a Instituto de Medicina Tropical. Em 1958, transitou para as novas e actuais instalações modelares que ficaram a dever-se ao esforço denodado de Fraga de Azevedo, também na rua da Junqueira. Em 1966, fundiu-se com o Instituto Superior de Higiene, resultando na Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical. Desde 1972 é o Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

Durante este longo período, entrecruzam-se a história de vida de Fraga de Azevedo, as suas contribuições para a moderna medicina tropical e a própria história da medicina tropical.

É mister aqui relevar a importância de que se revestiu a iniciativa, bem-sucedida, de Fraga de Azevedo em lograr trazer para Portugal a realização dos VI^{os}. Congressos Internacionais de Medicina Tropical e de Paludismo, em 1958, que foram inquestionavelmente um momento grande de afirmação da Medicina Tropical portuguesa e que contaram com mais de 1300 congressistas de variada proveniência que trouxeram até nós o melhor e o mais recente do saber nos vários ramos da Medicina Tropical. Fraga de Azevedo não deixou de apresentar à Classe de Ciências desta Academia, em sessão de Novembro de 1958, um relato sobre os Congressos e avanços científicos apresentados. Se lhe serviu de palco o novo edifício do Instituto, recém-inaugurado, não foi menos relevante ter a sessão de abertura decorrido na Sala dos Deputados, na Assembleia, com a presidência do Presidente da República. Um aspecto relevante foi o de ter sido inaugurada, no decurso destes Congressos, a estátua da figura maior da medicina exótica portuguesa que foi Garcia

de Orta, e que pontifica até hoje na entrada do vasto espaço onde está instalado o Instituto de Higiene e Medicina Tropical

Sob a iniciativa de Fraga de Azevedo, entre muitas outras iniciativas, foram criadas “Missões de Estudo Permanentes”, de combate a endemias, designadamente à Guiné, Cabo Verde, Timor, São Tomé e Príncipe e iniciou o seu funcionamento o serviço de vacinação do Instituto.

Manteve também Fraga de Azevedo uma estreita e muito profícua colaboração com organismos internacionais das Nações Unidas, tendo sido, designadamente perito da OMS para a parasitologia, particularmente a bilharziose, e tendo também mantido colaboração com a UNESCO e a UNICEF.

Foram ainda particularmente frutuosas as actividades que desenvolveu através de contratos com a Agência Internacional de Energia Atómica e com a FAO, nomeadamente pelo que propiciaram de estudos de Fraga de Azevedo sobre aspectos importantes da biologia de glossinas mediante o uso de radioisótopos.

Fraga de Azevedo já havia firmado um lugar no estudo de glossinas, pela criação em laboratório de *Glossina morsitans e submorsitans*. E para melhor caracterização de aspectos importantes do desenvolvimento da mosca realizou também com os seus colaboradores estudos inovadores sobre pupas de glossinas utilizando raios X. De resto, destes aspectos deu conta à Academia em duas interessantes comunicações publicadas nas *Memórias*, uma de 1969 e outra de 1976^{12 13}.

A obra científica que nos deixou é vastíssima e desenvolve-se por todos os domínios cruciais da medicina tropical, mas vai para além dela. Ao todo deixou-nos 376 trabalhos científicos, dos quais 78 são sobre bilarziose, 11 sobre ancilostomíase, 4 sobre filariseses, 8 sobre fasciolise, 49 sobre tripanosomose, 26 sobre malária e 49 sobre leptospirose, para além de várias outras publicações sobre outros temas, nomeadamente febre-amarela, fauna helmintológica e entomológica e papel desta na transmissão de doença, bem como sobre temas académicos.

¹² J. Fraga de Azevedo. “As radiações e os radioisótopos na investigação entomológica. Sua aplicação ao estudo da mosca tsétsé”. *Memórias da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa Vol. 13* pg. 43-87, 1969

¹³ J. Fraga de Azevedo. “A nossa experiência sobre a criação da mosca tsétsé em Laboratório” *Memórias da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa Vol. 18* pg. 257-290

Fraga de Azevedo foi justamente agraciado com múltiplas distinções honoríficas, entre as quais a de Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública e a de Comendador da Ordem Militar de Santiago da Espada por Portugal e ainda a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul do Brasil e o grau de Grão-Mestre da Ordine della Corona d'Italia. Recebeu ainda o título de Doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

À guisa de conclusão, afirmaria que o Académico Fraga de Azevedo vivenciou todo o trânsito histórico que a Medicina Tropical viveu no nosso País e foi decisivo arquitecto de muito do prestígio que a Medicina Tropical granjeou não só no vasto espaço luso de então, mas em organizações internacionais e junto de congéneres escolas no estrangeiro.

O Professor Fraga de Azevedo representou, não tenho nenhuma dúvida, o exemplo acabado do homem cujos horizontes de procura do saber se não quedam no imediato e no próximo, mas antes transitam pela esperança em busca do saber. Fraga de Azevedo, pude intuí-lo ao ler a sua obra e vida, foi um desses homens, que nunca sacrificou nas aras da cobiça ou da arrogância intelectual, as matrizes hipocráticas e civilizacionais do ser-médico.

Se como no avisado conselho do *Nosce te ipsum* do oráculo de Delfos, ao conhecermo-nos melhor, melhor percorremos os escaninhos da alma, da nossa, afinal; também ao conhecermos melhor as figuras grandes que nos legaram futuros, nos damos conta que a morte não solta as amarras da vida, lançando-a sem rumo ou redenção. Não.

Exemplos disso foram Fraga de Azevedo, como Torres Pereira. Foram ambos construtores “de um tempo que semeia sonhos, esperanças e paisagens de futuro”, como aqui poderia afirmar Néida Piñon. Ambos têm passados que foram construtores de futuros.

*(Elogio proferido na sessão plenária e pública
de 26 de Março de 2015)*